

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O QUE QUERO VER
9 e 14 de Dezembro de 2020

SPENCER'S MOUNTAIN / 1963
(Os Nove Irmãos)

Um filme de Delmer Daves

Realização: Delmer Daves / Argumento: Delmer Daves, baseado num romance de Earl Hamner Jr. / Direcção de Fotografia: Charles Lawton Jr / Cenários: Carl Anderson e Ralph S. Hurst / Guarda-Roupa: Marjorie Best / Música: Max Steiner / Som: M.A. Merrick / Montagem: David Wages / Interpretação: Henry Fonda (Clay Spencer), Maureen O'Hara (Olivia Spencer), James MacArthur (Clayboy Spencer), Donald Crisp (avô Spencer), Wally Cox (pregador), Mimsy Farmer (Claris), Virginia Gregg (miss Parker), Lillian Bronson (avó Spencer), Whit Bissell (dr. Campbell), Hayden Rourke (coronel Coleman), Kathy Bennett (Minnie), Dub Taylor (Percy), etc.

Produção: Warner Brothers / Produtor: Delmer Daves / Cópia: 35mm, cor, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 118 minutos.

Antepenúltimo filme realizado por Delmer Daves, **Spencer's Mountain** baseia-se num romance muito popular nos Estados Unidos, que depois do sucesso do filme esteve também na origem de uma série de televisão. É, possivelmente, um dos últimos exemplos do que foi, no cinema de Hollywood, a “americana”, esse canto dos valores e de uma certa ingenuidade de uma América antiga e essencialmente rural; e, no momento em que foi feito (1963, a época clássica a viver o seu crepúsculo), também a derradeira altura para que um filme assim pudesse ser tentado. E se **Spencer's Mountain** tem uma aparência “antiquada” quando pensamos no que se fazia em Hollywood, mesmo pelas gerações mais velhas, no princípio dos anos 60, parecendo mais vir de uma década antes, isso funciona até a favor do filme.

Porque, justamente, a mudança de tempos, o aparecimento de outras sensibilidades, a fractura geracional, habitam integralmente o filme de Daves. Conciliador, dá uma no cravo e outra na ferradura, e dar uma no cravo e outra na ferradura é praticamente toda a sua razão de ser. Veja-se, por exemplo, a relação entre a personagem de Maureen O'Hara (sempre maravilhosa, mas talvez não muito convincente na pele de uma matrona austera e hiper-puritana) e a da namorada do filho, Mimsy Farmer, que exprime dois mundos e duas visões do mundo (e das suas coisas, como por exemplo o sexo) completamente opostas. O filme faz o reconhecimento dessa oposição, até com alguma malícia, mas não se vira contra as personagens nem contra a maneira que elas têm de pensar – é uma atitude discretamente “dialéctica”, que Daves maneja com inteligência e evidente premeditação.

Claro que, e é a mesma “dialéctica discreta”, o filme faz o elogio de coisas que em 1963 já estavam completamente fora de moda, e o seu olhar sobre a juventude, ou sobre a família, é certamente de uma grande “beatice” quando pensamos nas coisas que os espectadores daquela época já tinham visto – por exemplo, o **Splendor the Grass**, de Elia Kazan, que se tinha estreado dois anos antes. Ao contrário do que sucedia nesse filme, a aura do pai, em **Spencer's Mountain**, é obviamente intocável; óbvia e naturalmente, visto que ele é Henry Fonda, a passar para a derradeira fase da sua carreira e a ensaiar as várias figuras de patriarca

que daqui até ao fim viria a encarnar – do fabuloso **Sometimes a Great Notion** que Paul Newman dirigiria cerca de dez anos depois deste ao que seria o seu derradeiro testemunho, também aquele que o fez sair em glória do mundo dos vivos (graças ao Oscar, não ao filme de per se), **On Golden Pond**, de Mark Rydell, a abrir os anos 80. Em **Spencer's Mountain**, Fonda encarna o optimismo pioneiro e responsável, o patriarca prolífero (são nove filhos...) e compreensivo que carrega às costas a confiança no futuro da família e do mundo que ela representa.

Daves dirige, por seu lado, mantendo o mesmo espírito “antiquado”, até com uma ou outra vénia a Ford, ensaiando, nalgumas cenas com os filhos, um vaguíssimo e muito tímido erotismo (o beijo de James MacArthur e Mimsy Farmer), e de algum modo perfeitamente à vontade com o retrato estereotipado da juventude, mas, como vimos, acolher os estereótipos faz parte da natureza do filme. E da natureza do filme faz parte também a *natureza no filme*, o Panavision a filmar a paisagem montanhosa do Wyoming (que Daves escolheu precisamente pela fotogenia: no romance, a acção passava-se na Virginia), como que a “fazer corpo” com as personagens e reiterar, nesse acto de conquista do espaço através da harmonia (estética, também), todas as virtudes, mais ou menos míticas, de uma “velha América” que cada vez menos existia, como representação, desta maneira.

Luís Miguel Oliveira